

No rastro de Ana C.

Telma Franco

É enorme a tentação de apresentar Ana Cristina Cesar fazendo alusões a seus próprios versos, como ela faceiramente fazia ao entrelaçar, na composição de seus poemas, versos de Bishop, Baudelaire, Paz, Mallarmé... Bela e enigmática, "lentes escuríssimas sob os pilotis", Ana C. está continuamente a nos seduzir, desafiando-nos – como num jogo de esconde-esconde –, a encontrar a tênue linha entre ficção e realidade que ela fiava e desfiava com maestria.

Ana Cristina nasce em 2 de junho de 1952, no Rio. Desde cedo se envolve com as letras. Na escola, cria e dirige um jornal; também dirige um jornal na igreja presbiteriana que frequenta. Em 1968, ainda adolescente, vai estudar em Londres. Viaja pela Europa e volta com a mala recheada de poesia e disposta a cursar Letras. O ano é 1971. É a partir daí que Ana estabelece vínculos com os poetas hoje lembrados como "geração marginal", entre eles Cacaso e Chacal que, identificados ideologicamente com a contracultura, publicavam seus livros de maneira independente fazendo uso do mimeógrafo, donde o apelido algo irônico "geração mimeógrafo". Desde 1975 até 1979 Ana Cristina desenvolve intensa atividade como editora, tradutora, professora de inglês, resenhista de livros, professora de português, além de colaboradora eventual de diversas publicações culturais brasileiras. Em 1976 alguns de seus textos integram a antologia *26 Poetas Hoje*, organizada por Heloísa Buarque de Holanda. Em 1979

obtem o título de mestre em comunicação pela UFRJ e segue para sua segunda viagem à Inglaterra, onde desenvolve a hoje lendária tese “O Conto *Bliss*, Anotado (Katherine Mansfield),” com a qual recebe o grau de *Master of Arts* (com distinção) da Universidade de Essex. Viaja pela Europa e volta ao Brasil em 1981. Em 1982 lança *A Teus Pés*, pela Brasiliense. Durante o primeiro semestre de 1983, Ana Cristina prepara o curso “Poesia Moderna Traduzida”, para ser ministrado na PUC do Rio. O curso não se realiza. Mergulhada em profunda crise pessoal, Ana se mata aos 31 anos no dia 29 de outubro de 1983 atirando-se do sétimo andar de um apartamento na rua Toneleros, Rio de Janeiro.

À época apenas dois livros seus tinham sido publicados: *Literatura Não é Documento* e *A Teus Pés*. Mas Ana escrevia desde menina – aos 4 anos já ditava poemas para a mãe – e deixou cadernos repletos de escritos, além de cartas, cartões, desenhos, bilhetes, entrevistas, artigos.

De Ana, hoje é possível encontrar grande parte nas publicações da Ática: *Crítica e Tradução* reúne *Escritos no Rio*, *Literatura não é documento*, *Escritos da Inglaterra* e *Alguma Poesia Traduzida*; *Inéditos e Dispersos* reproduz poemas inéditos escritos desde a infância, além de desenhos, fotos e fragmentos de seu diário; *A Teus Pés* contém, além do livro homônimo, *Cenas de Abril*, *Correspondência Completa* e *Luvras de Pelica* – três livrinhos (como ela gostava de chamá-los) publicados anteriormente por ela em edições independentes. Pela Aeroplano há *Correspondência Incompleta*, que apresenta cartas trocadas entre ela e algumas amigas, organizada por Armando Freitas Filho. Além disso, é possível encontrar poemas seus vertidos para o inglês por John Milton na antologia bilíngüe *Nothing the Sun Could Not Explain*, da Sun & Moon Classics; e para o francês, vertidos por Michel Riaudel e Pauline Alphen, na edição bilíngüe *Gants de Peau & Autres Poemes*, editada por Michel Chandeigne.

Sobre Ana, além dos muitos ensaios e dissertações que vêm se multiplicando nos últimos anos, há a bela tese tornada livro *Atrás dos Olhos Pardos: Uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar*, de Maria

Lucia de Barros Camargo, publicada pela Argos; o perfil *Ana Cristina César*, escrito por Ítalo Moriconi para a série Perfis do Rio, da Relume Dumará; o estudo *Territórios Dispersos – A Poética de Ana Cristina*, de Annita Costa Malufe, publicado em 2007 pela Annablume. E ainda a tese de doutorado de Michel Riaudel, entrevistado desta edição da **Cadernos**: “Intertextualidade e transferências (Brasil, Estados Unidos, Europa): reescritas da modernidade poética na obra de Ana Cristina Cesar” orientada pela poetisa Gabrielle Althen e defendida em novembro de 2007.

Para Ana, Carlos Drummond escreveu o comovente “Ausência”:

*Por muito tempo achei que ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
Ausência é um estar em mim.
E sinto-a tão pegada, aconchegada em meus braços
Que rio e danço e invento exclamações alegres.
Porque a ausência, esta ausência assimilada
Ninguém a rouba mais de mim.*

No entanto, parece que tudo o que é, foi, ou será dito sobre ela é, foi, e será sempre falto. “Te apresento a mulher mais discreta do mundo: essa que não tem nenhum segredo.”¹

¹ “Noite carioca”, *A Teus Pés*, p. 13